

RUDYARD
KIPLING

Os livros da Selva
Mowgli e outras histórias

Tradução de
JULIA ROMEU

Organização, introdução e notas de
KAORI NAGAI

Prefácio e cronologia de
JAN MONTEFIORE



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Penguin-Companhia
Copyright da organização, introdução e notas © 2013 by Kaori Nagai
Copyright do prefácio e da cronologia © 2011 by Jan Montefiore

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Jungle Books

PREPARAÇÃO
Silvia Massimini Felix

REVISÃO
Jane Pessoa
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kipling, Rudyard, 1865-1936.

Os livros da Selva / Rudyard Kipling; tradução Julia Romeu; organização, introdução e notas de Kaori Nagai; prefácio e cronologia de Jan Montefiore. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

Título original: The Jungle Books
ISBN 978-85-8285-024-4

1. Literatura infantojuvenil I. Nagai, Kaori. II. Montefiore, Jan. III. Título.

15-09242

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

1. Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio – Jan Montefiore	9
Introdução – Kaori Nagai	17
Nota sobre os textos	59

OS LIVROS DA SELVA

O LIVRO DA SELVA

Prefácio	67
Os irmãos de Mowgli	69
A caçada de Kaa	93
Tigre! Tigre!	123
A foca branca	145
Rikki-Tikki-Tavi	170
Toomai dos elefantes	191
Servos da rainha	216

O SEGUNDO LIVRO DA SELVA

Como surgiu o medo	241
O milagre de Purun Bhagat	264
A invasão da Selva	283
Os necrófagos	316
O <i>ankus</i> do rei	344
Quiquern	367
Cão vermelho	398
A corrida de primavera	429

APÊNDICE

No <i>Rukh</i>	459
----------------	-----

<i>Notas</i>	495
<i>Cronologia</i>	541
<i>Sugestões de leitura</i>	549

Os livros da Selva

O LIVRO DA SELVA

Os irmãos de Mowgli*

*Chil,¹ o Abutre, traz a noite
Pelo Morcego Mang² libertada
Os rebanhos estão nos seus cercados
Pois nós ficamos soltos até a madrugada
Essa é a hora do orgulho e da força
De garras e presas sobre a relva
Ouça o chamado! Boa caçada a todos!
Que seguem a Lei da Selva.*

“Canção noturna da Selva”

Eram sete horas de uma noite bem quente nas colinas Seeonee³ quando Pai Lobo acordou do descanso do dia, coçou-se, bocejou e espalmou primeiro uma pata, depois a outra, para espantar a sonolência na ponta dos dedos. Mãe Loba estava deitada com o enorme focinho cinza ao lado dos quatro filhotes que guinchavam e caíam uns sobre os outros, e a lua brilhava na boca da caverna onde eles todos moravam. “Argh!”, disse Pai Lobo, “está na hora de caçar outra vez”; e ele já ia descer a colina aos pulos quando uma pequena sombra com uma cauda felpuda cruzou a entrada e gemeu: “Que a boa sorte te acompanhe, ó Chefe dos Lobos; e que a boa sorte e dentes brancos e fortes acompanhem as nobres crianças, para que elas nunca esqueçam os famintos deste mundo”.

Era o Chacal — Tabaqui, o Lambe-Pratos⁴ —, e os lo-

* Publicado pela primeira vez na revista *St. Nicholas* em janeiro de 1894 com ilustrações de W. H. Drake.

bos da Índia desprezam Tabaqui porque ele vai para todo o lado causando confusão, contando mentiras e comendo farrapos e pedaços de couro dos montes de lixo nas aldeias. Mas também o temem, pois Tabaqui, mais do que qualquer outro ali na Selva, tem ataques de loucura, quando esquece que já teve medo de qualquer um e corre pela floresta mordendo tudo o que vê pela frente. Até o tigre foge e se esconde quando o pequeno Tabaqui enlouquece, porque a loucura é a coisa mais vergonhosa que pode acontecer com um animal selvagem. Nós a chamamos de hidrofobia, mas eles chamam de *dewanee*⁵ — a loucura — e correm dela.

“Então entra e vê”, disse Pai Lobo, com frieza, “mas não há nenhuma comida aqui.”

“Para um lobo, não”, disse Tabaqui, “mas para alguém tão miserável quanto eu, um osso duro é um festim. Quem somos nós, o *Gidur-log* [o Povo dos Chacais],⁶ para ficar escolhendo?” Ele foi depressa até os fundos da caverna, onde encontrou o osso de um cervo com um resto de carne, e ficou ali, roendo alegremente a ponta.

“Muito obrigado por essa boa refeição”, disse Tabaqui, lambendo os beiços. “Como são lindas as nobres crianças! Como são grandes seus olhos! E, além disso, tão jovens! De fato, de fato, eu devia ter lembrado que os filhos de reis são homens desde pequenos.”

Ora, Tabaqui sabia tão bem quanto qualquer um que não há nada mais azarento que elogiar crianças na presença delas; e ele ficou feliz ao ver Mãe Lobo e Pai Lobo constrangidos.

Tabaqui ficou parado, desfrutando da confusão que causara, e então disse com maldade:

“Shere Khan,⁷ o Grande, mudou de campo de caça. Irá caçar nessas colinas pela próxima lua, foi o que me disse.”

Shere Khan era o tigre que morava perto do rio Waingunga,⁸ a trinta quilômetros de distância.

“Ele não tem o direito!”, disse Pai Lobo com raiva. “Pela Lei da Selva, não tem o direito de mudar de pa-

ragens sem avisar. Vai assustar toda a caça num raio de quinze quilômetros e eu... eu tenho tido que matar por dois nos últimos tempos.”

“A mãe dele não lhe deu o nome de Lungri⁹ [o Manco] sem motivo”, disse Mãe Loba com um ar grave. “Ele manca de uma pata desde que nasceu. É por isso que só mata gado. Agora, os aldeões do Waingunga estão com raiva de Shere Khan, e ele veio para cá para deixar os *nostros* aldeões com raiva. Vão procurá-lo na Selva toda quando já estiver bem longe, e nós e nossos filhos teremos que correr quando a mata estiver em brasa. Realmente, somos muito gratos a Shere Khan!”

“Devo falar de tua gratidão para ele?”, perguntou Tabaqui.

“Fora!”, gritou Pai Lobo. “Vai caçar com teu mestre.¹⁰ Já fizeste muito mal por uma noite.”

“Irei”, disse Tabaqui, sério. “Podem ouvir Shere Khan lá embaixo nos arbustos. Eu nem precisava ter trazido a mensagem.”

Pai Lobo apurou os ouvidos e, no vale lá embaixo,¹¹ que dava para um riachinho, ouviu o rugido seco, furioso e monótono de um tigre que não pegou nada e não se importa se a Selva inteira ficar sabendo disso.

“Que tolo!”, disse Pai Lobo. “Começar o trabalho de uma noite com tanto barulho! Por acaso ele acha que nossos cervos são como os bois gordos de Waingunga?”

“Psiu. Não é nem boi nem cervo que ele está caçando esta noite”, disse a Mãe Loba. “É o Homem.” O grunhido havia se transformado numa espécie de ronronar que parecia vir dos quatro cantos do mundo. Esse é o barulho que atordoia os lenhadores e ciganos que dormem ao ar livre e às vezes os faz correr para dentro da boca do tigre.

“Homem!”, disse Pai Lobo, mostrando todos os seus dentes brancos. “Ora! Será que não há besouros e rãs suficientes nos charcos para esse tigre? Ele tem que comer homens, e ainda por cima nas nossas terras?”

A Lei da Selva, que nunca dita nada sem que haja motivo, proíbe qualquer fera de comer um homem, exceto quando ele está matando para mostrar aos seus filhos como matar, ocasião em que tem de caçar fora dos campos de caça de sua alcateia ou da tribo. A verdadeira razão para isso é que matar homens, mais cedo ou mais tarde, significa a chegada de homens brancos em elefantes, com armas, e de centenas de homens morenos com gongos, bombas e chicotes. Então, todos na floresta sofrem. A razão que as feras admitem entre si é o fato de que o homem é o mais fraco e indefeso dos seres e não seria justo atacá-lo. Elas também dizem — e é verdade — que os comedores de homens ficam sarnentos¹² e perdem os dentes.

O ronronar ficou mais forte e se transformou no sonoro “Aargh!” que o tigre emite quando ataca.

Então se ouviu um uivo — um uivo nada tigresco — vindo de Shere Khan.

“Ele errou o bote”, disse Mãe Loba. “O que houve?”

Pai Lobo deu alguns passos e ouviu Shere Khan murmurando e tartamudeando furiosamente conforme rolava nos arbustos.

“O tolo cometeu a estupidez de pular sobre a fogueira de um acampamento de lenhadores e queimou os pés”, disse Pai Lobo com um grunhido. “Tabaqui está com ele.”

“Algo está subindo a colina”, disse Mãe Loba, levantando uma orelha. “Prepara-te.”

Os arbustos farfalharam em meio à mata e Pai Lobo abaixou as patas de trás, pronto para o pulo. Então, se você estivesse olhando, teria visto a coisa mais incrível do mundo — um lobo que desiste no meio do bote. Ele disparou antes de ver sobre o que estava pulando e depois tentou frear. O resultado foi que deu um salto de pouco mais de um metro para cima, aterrissando quase no mesmo ponto de onde saía.

“Um homem!”, gritou. “Um filhote de homem. Olha!”

Logo diante dele, segurando-se num galho baixo, es-

tava um bebê moreno e nu que mal havia aprendido a andar — a coisinha mais macia e gorducha que já entrou numa caverna de lobos à noite. Ele encarou Pai Lobo e deu uma risada.

“Isso é um filhote de homem?”, perguntou Mãe Loba. “Nunca vi um. Traz aqui.”

Um lobo que está acostumado a carregar os próprios filhotes pode, se necessário, pegar um ovo na boca sem quebrá-lo, e, embora as mandíbulas de Pai Lobo tenham envolvido as costas do menino, nenhum dente sequer lhe arranhou a pele quando ele foi posto entre os lobinhos.

“Como é pequeno! Como é pelado e... como é valente!”, disse Mãe Loba com carinho. O bebê estava empurrando os filhotes para se aproximar de seu pelo quente. “Ora! Ele está se alimentando com os outros. Então isso é um filhote de homem. Agora, já houve outro lobo que podia se gabar de ter um filhote de homem entre sua cria?”

“Já ouvi falar disso algumas vezes, mas nunca aconteceu em nossa Alcateia ou desde que eu nasci”, disse Pai Lobo. “Ele é completamente sem pelo e eu poderia matá-lo tocando-o com a pata. Mas, olha, ele ergue o rosto sem medo.”

A luz da lua foi bloqueada na entrada da caverna, pois o enorme quadrado formado pela cabeça e pelos ombros de Shere Khan estava enfiado ali. Tabaqui, atrás dele, guinchava: “Senhor, senhor, ele entrou aqui!”

“Shere Khan nos honra com tua presença”, disse Pai Lobo, mas havia muita raiva em seus olhos. “O que Shere Khan deseja?”

“Minha presa. Um filhote de homem correu para cá”, disse Shere Khan. “Os pais dele fugiram. Me dá o menino.”

Como dissera Pai Lobo, Shere Khan havia pulado sobre a fogueira de um acampamento de lenhadores, e estava furioso devido à dor nas patas queimadas. Mas Pai Lobo sabia que a boca da caverna era estreita demais para um tigre entrar. Mesmo na altura em que estava, Shere Khan

tinha os ombros e as patas da frente apertados, como um homem ficaria se tentasse lutar dentro de um barril.

“Os lobos são um povo livre”, disse Pai Lobo. “Eles recebem ordens do Chefe da Alcateia, e não de um matador de gado listrado. O Filhote de Homem é nosso — nós o mataremos se quisermos.”

“Se quiserem, se não quiserem! Que história é essa de querer? Pelo touro que matei, preciso ficar aqui com o focinho enfiado nessa toca de cachorro para exigir o que é meu por direito? Sou eu, Shere Khan, quem fala!”

O rugido do tigre tomou a caverna como um trovão. Mãe Loba sacudiu os filhotes do pelo e pulou para a frente com olhos que eram como duas luas verdes na escuridão encarando os olhos faiscantes de Shere Khan.

“E sou eu, Raksha¹³ [A Demônia], quem responde. O Filhote de Homem é meu, Lungri — meu, só meu! Ele não será morto. Viverá para correr com a Alcateia e caçar com a Alcateia; e no fim, vê bem, caçador de filhotinhos nus... comedor de sapos... matador de peixes... ele caçará a *ti*! Agora some daqui ou, pelo sambhur¹⁴ que matei (pois não como bois famintos), tu voltarás para perto de tua mãe, fera queimada da selva, ainda mais manco do que vieste ao mundo! Vai!”

Pai Lobo olhou-a perplexo. Ele quase havia esquecido da época em que ganhara Mãe Loba numa briga justa com cinco outros lobos, nos dias em que ela corria com a Alcateia e não era chamada de A Demônia à toa. Shere Khan talvez pudesse ter enfrentado Pai Lobo, mas não conseguiria fazer frente à Mãe Loba, pois sabia que ali ela tinha todas as vantagens do terreno e lutaria até a morte. Por isso, ele saiu rugindo da caverna e, quando estava lá fora, gritou:

“Cada cão ladra no próprio quintal! Vamos ver o que a Alcateia vai dizer dessa história de criar filhotes de homem. O filhote é meu e vai acabar nos meus dentes, ó ladrões de cauda felpuda!”

Mãe Loba deitou ofegante em meio aos filhotes e Pai Lobo disse a ela gravemente:

“Shere Khan tem razão nisso. O filhote terá de ser mostrado à Alcateia. Mesmo assim o queres, Mãe?”

“Querer!”, exclamou ela. “Ele chegou nu, à noite, sozinho e muito faminto; mas não teve medo! Olha, ele já tomou o lugar de um dos meus bebês. E aquele carneiro manco queria matá-lo para depois fugir para o Waingunga enquanto os aldeões invadiam nossos covis atrás de vingança! Se eu o quero? Sem dúvida que o quero. Fica quieto, rã-zinha. Tu, Mowgli — pois de Mowgli, a Rã,¹⁵ eu te chamei —, tu um dia vais caçar Shere Khan como ele te caçou.”

“Mas o que dirá a Alcateia?”, perguntou Pai Lobo.

A Lei da Selva diz muito claramente que qualquer lobo pode, quando se casar, se afastar da alcateia à qual pertence; mas, assim que seus filhotes tiverem idade para ficar em pé, ele deve levá-los ao Conselho da Alcateia, que em geral acontece uma vez por mês na lua cheia, para que os outros lobos possam identificá-los. Depois dessa inspeção, os filhotes ficam livres para correr por onde quiserem e, até que cacem seu primeiro cervo, nenhuma desculpa é aceita se um lobo adulto da Alcateia matar um deles. Se o assassino puder ser encontrado, a pena é de morte; e, se você parar para pensar, vai ver que tem de ser assim mesmo.

Pai Lobo esperou até que seus filhotes conseguissem correr um pouco e então, na noite da reunião da Alcateia, foi com eles, Mowgli e Mãe Loba para a Pedra do Conselho — o topo de uma colina coberto por rochas e pedras onde cem lobos poderiam se esconder, se necessário. Ake-la,¹⁶ o enorme e cinza Lobo Solitário, que liderava toda a Alcateia por ser o mais forte e mais esperto, estava esparramado sobre sua pedra e, abaixo dele, havia quarenta ou mais lobos de todos os tamanhos e cores, de veteranos cinzentos que conseguiam matar um cervo sozinhos até jovens pretos de três anos que pensavam poder fazer o mesmo. O Lobo Solitário já era o líder havia um ano.